

HOMENAGENS DO DIA DO PESCADOR

A Pesca da Sardinha, foi durante muitas décadas a mais nobre, mais intensa e mais emblemática atividade do nosso porto onde os nossos pescadores exerceram a sua atividade para a apanha daquela “prata do mar”.

A Sardinha foi um elo determinante para o engrandecimento da Vila/Cidade de Peniche.

Por ela se construíram fábricas, estaleiros, oficinas, armazéns e uma imensa azáfama diária vivida em torno da Ribeira Velha.

Por ela recebemos um mar de famílias emigrantes provenientes das mais importantes comunidades de pesca da nossa costa do norte e do sul do país.

Muitos ainda se lembram dos nomes dos mestres mais famosos, ou dos contramestres que nunca queriam chegar a mestres, dos motoristas mais qualificados ou mais dedicados, dos guardas ou moços fortes ou corajosos. Dos mais habilidosos e competentes atadores que muitas vezes eram determinantes para os mestres pescarem mais ou menos. E quem não se lembra também dos chamados “velhos de terra” que percorriam a Vila de cima abaixo a convocar as companhas. E os putos ou os moços que com tenra idade, 11,12,13 anos, se faziam homens porque era tarde para aprender. O caminho era o mar ou na melhor das hipóteses os armazéns da aprendizagem.

Poucos naquele tempo tinham pela frente outras hipóteses de singrar na vida.

Em terra eram magotes de mulheres a tratar do peixe na ribeira. Outras, não poucas, tratavam das redes. Outras ainda trabalhavam de sol a sol e muitas vezes pela noite dentro das conhecidas fábricas de conservas.

Como aquele mundo de milhares de pessoas era tão próximo e tão pequeno.

Depois eram as lojas, as lojas de aprestos, sendo as mais famosas a dos Mamedes, dos Três As ou a Promar.

E as tabernas, quantas dezenas de tabernas existiam neste pequeno cantinho da Vila de Peniche. Os sábados das paródias e dos copos, naqueles sábados em que não havia trabalho.

E os domingos, das missas, do futebol e do cinema à tarde.

E o defeso, o defeso de três meses, sem subsídios e com fome, muita fome em muitas casas, daqueles que tinham nove meses para pescar sardinha, carapau, muito chicharro e alguma cavala e o dinheiro não chegava para poupar.

Nestes tempos conturbados a Pesca da Sardinha atravessa o pior momento da sua história.

Neste tempo em que a incerteza quanto ao futuro da sardinha e dos seus homens nunca foi em tempo algum tão incerto e tão amargo, importa realçar, engrandecer e agradecer:

As muitas empresas armadoras.

Aos pescadores.

Às famílias.

À comunidade piscatória de Peniche.

Hoje, como representantes de todos eles, homenageamos três famílias de armadores da pesca de cerco que já vêm acompanhando a pesca por três gerações:

A primeira das famílias armadoras homenageadas é a dos Batalhas.

O mestre, António Manuel Bento Batalha, conhecido entre as gentes do mar também como “Caboz”, tem 58 anos de idade e foi para o mar com 13 ou 14 anos, tendo herdado esta “normal” vocação de seu pai, o mestre amador – Manuel das Dores Batalha, nascido no ano de 1935 e falecido no ano passado. Tendo também passado o “bichinho” e a vocação ao outro filho que atualmente também navega na traineira “Tudo por Deus” de seu nome Artur Jorge Bento Batalha de 46 anos de idade e que foi para o mar com 14 anos. Para a geração mais jovem desta família, contamos também com o Jorge Manuel Costa Batalha, de 37 anos de idade e que foi para o mar com 21 anos de idade.

A segunda família homenageada é a família Pereira.

Hoje a traineira “Rio Minho” é governada pelo José Maria da Silva Pereira (herdou do seu pai a alcunha de José Maria “Chinês”), que tem 54 anos de idade foi para o mar com 14 anos. Na sua companhia, anda o filho José Maria Cativo Pereira, com 28 anos de idade que iniciou a sua atividade marítima aos 16 anos e procura seguir os passos do pai e do avô, José Maria Pereira que foi para o mar aos 12 anos, faleceu aos 55 anos e que foi o iniciador desta empresa que já transportou 3 gerações.

A terceira família homenageada é a família Santana.

A empresa foi constituída pelo mestre José Santana, que foi para o mar com 12 ou 13 anos e faleceu com 59 anos de idade. Um dos seus filhos seguiu-lhe as pisadas e hoje é um armador reformado – o José da Silva Rodrigues Santana (mais conhecido por Zeca Santana) tem 69 anos e foi para o mar com 15 anos. O seu filho, Luís Alberto Rodrigues Santana é hoje mestre da traineira Afrodite, com 43 anos de idade e que foi para o mar aos 17 anos continua a seguir as pisadas dos seus antecessores.

Estas famílias representam muito do que foi o armamento de Peniche. Muitas embarcações pertenceram durante gerações a famílias e diversas sociedades.

Individualmente, muitos mereceriam também a nossa homenagem. Muitos milhares de pescadores mestres, contramestres, motoristas, ajudantes, moços, atadores e velhos de terra, mereceriam hoje, aqui, a nossa justa homenagem.

Em seu nome e em representação de todos eles, mas também pelos percursos exemplares de pescador e atador que tiveram, homenageamos também hoje

Joaquim Dias Viola foi para o mar com 14 anos de idade, na "rapinha", traineira pequena, propriedade do pai, como era hábito em grande parte das famílias dos pescadores daquele tempo, onde rapazinhos se tinham que fazer homens à força. Entravam rapidamente na "brutalidade" da profissão. Muitas vezes com horários intermináveis, debaixo chuva, vento, sol abrasador ou frio de rachar até os mais resistentes. Por vezes, durante horas e horas em sucessivos lances de pesadas redes de algodão, sem alador ou qualquer outro meio de apoio. Outras vezes debaixo de temporal, com barcos muito frágeis, apoiados por pequenas lanchas a remos. E a força, a força que aqueles bravos homens tinham que ter. E chegados a terra, cansados, desiludidos e muitas vezes, quantas vezes debaixo da revolta, porque tinham trabalhado imenso, às vezes ouvindo maus tratos e muitas vezes, quantas muitas, pouco iam receber ou mesmo nada iam ganhar. Chegados a terra, os sortudos, passariam horas e horas na descarga do que tinham conseguido apanhar, com as varas ao ombro e os cabazes carregados com peixe, lá iam e vinham, dos e para os armazéns, onde entregavam a sorte. Outros passariam horas a passar a rede, para a preparar para a tornar a embarcar. Outros tratavam dos motores, das argolas, da retenida, dos remos, das redes, eram um mundo de distribuição de tarefas, em que cada um sabia o que tinha que fazer e nada deveria falhar.

Joaquim Dias Viola, hoje com 73 anos de idade, é um desses muitos homens, que embarcaram por uma vida, nas belas traineiras ou rapas do nosso porto de Peniche.

Ildebrando de Jesus Chaves, nasceu em 10-01-1936, e tinha 17 anos quando iniciou a sua carreira de pescador. Tendo andado ao mar seis anos passou posteriormente a desempenhar funções de atador até aos 70 anos de idade. Durante quase meio século Ildebrando de Jesus Chaves dedicou-se à nobre arte de entrelaçar fios, de eliminar os frequentes buracos na rede resultantes da atividade diária da embarcação, e acima de tudo, do exercício da mais singular das capacidades desta importante função de atador: a responsabilidade de armar a rede, como resultado de múltiplos conhecimentos acumulados, para os quais alguns profissionais tinham enorme apetência e sabiam como ninguém a diferença no medir a rede com a vara, nas folgas a dar e em todas as outras competências associadas à obrigação de construir e manter operacional a rede de pesca da embarcação.

Joaquim Dias Viola e Ildebrando de Jesus Chaves, cada um a seu modo, retratam percursos de vida que representam as vivências dos pescadores da sardinha do passado, do presente e do futuro, assim saibamos ter capacidades e vontades para preservar esta nobre arte da Pesca da Sardinha.

ESIP

A principal unidade industrial de conservas de peixe em Peniche existe desde o início de 1900 sob o nome de JUDICE FIALHO.

Desde o início do século XX que a marca "Marie Elizabeth" é responsável por importantes volumes de exportação de conservas de sardinha para Inglaterra, onde se assumiu como líder de mercado e representou o verdadeiro sabor da sardinha portuguesa.

Em 1988 o grupo "Heinz" adquiriu ao grupo Judice Fialho as fábricas de Peniche e de Matosinhos bem como a marca "Marie Elizabeth" e deu início à produção das suas marcas de sardinha para a Europa, a partir de Peniche.

Após uma fase de reestruturação que conduziu ao encerramento da fábrica de Matosinhos, parte da produção de atum passou também a ser produzida a partir de Peniche. No entanto, na sequência da estratégia da "Heinz" para racionalizar a sua capacidade industrial, a produção de atum foi transferida, a partir de 2001, para as unidades industriais sediadas no Gana e nas Seychelles.

Em 2003, a produção de cavala que era realizada em França foi transferida para a unidade industrial de Peniche.

Em Março de 2006 a "Heinz" decidiu alienar toda a sua atividade conserveira na Europa, que se constituiu como um grupo autónomo sob a designação de Marine World Brands (MWB). A unidade de conservas de Peniche, com a designação European Seafood Investments Portugal, Lda passou a integrar a MWB.

A ESIP concentra hoje todas as produções de sardinha e cavala da MWB, com importantes exportações para Inglaterra, França, Irlanda e Holanda, entre outros.

Nos últimos anos, a ESIP tem vindo a concretizar um valor muito elevado de investimentos e, com eles, a consolidação de centenas de postos de trabalho.

Ao longo de mais de cem anos a ESIP, nos diversos modelos de gestão que atravessaram a sua história, assumiu-se como uma empresa fortemente empregadora em Peniche, e capacitada para absorver volumes muito significativos de pescado capturado pela frota de cerco de Peniche e de todo o País.

Com um volume de negócios superior a 68 milhões de euros em 2013, encaminha para a exportação 99,5% dessa produção, protagonizando assim um papel de muito relevo nas indústrias exportadoras do nosso País.

Por todo este importante contributo económico e social para com a cidade de Peniche, a Câmara Municipal de Peniche manifesta o seu reconhecimento à ESIP - European Seafood Investments Portugal, Lda